

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino

Cleuma Sueli Santos Suto

Dejeane de Oliveira Silva

José Andrade Almeida Junior

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva

Francielle Pereira Santos

Ludmila Nunes Mourão

Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Nívia Madja dos Santos

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Claudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabricia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior
Maria Aparecida Algusto Satto Vilela
Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes
Paula Land Curi
Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza
Tirza Almeida da Silva
Sônia Maria Lemos
Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Valquiria Nicola Bandeira
Carlos Simão Coury Corrêa
Andreza de Souza Fernandes
Carlos Simão Coury Corrêa
Isabel Cristina Correia Cruz
Fernando Sabchuk Moreira
Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans
Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!

Guilherme de Souza Vieira Alves

Universidade Estadual Paulista – UNESP,
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara – SP

Marcia Cristina Argenti Perez

Universidade Estadual Paulista – UNESP,
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara – SP

RESUMO: A investigação em análise teve por objetivo primordial apontar e problematizar circunstâncias que possam a partir de concepções teórico-metodológicas baseadas nos atos de brincar e de cuidar de bonecas por crianças do gênero masculino desmistificar barreiras socioculturais em que difere os brinquedos para cada tipo de gênero nas infâncias. Em função das propostas elencadas pelos autores, utilizou-se enquanto materiais e métodos para discussão da pesquisa, reportagem em formato de artigo midiático, ao qual é divulgado em blog educativo, que narra e se traduz em textos a partir da (re)construção da obra original de Charlotte Zolotow, de 1972, denominada *William's Doll*, traduzida para a língua portuguesa como “A boneca de William”. Enquanto resultados indicativos por uma análise descritiva e pormenorizada, nota-se que segundo a mensagem central transmitida pela obra, as crianças (especialmente do gênero masculino) podem brincar e cuidar de bonecas, na oportunidade em que se tornarão

pais exemplares pelo ato vivenciado enquanto crianças nas primeiras infâncias. A partir de toda liberdade e amplitudes avessas às amarras culturais, acredita-se que o ato de brincar e brincadeiras que lidam e utilizam para tal com bonecas, não sejam exclusivas para meninas, mas sim para crianças que possam reconhecer as realidades, experimentar sensações e viver ludicidades em um mundo onde o real e o imaginário se entrecruzam e se dispersam a todo e qualquer instante - entre carrinhos e bonecas de meninos/as.

PALAVRAS-CHAVE: boneca, masculinidade, infância, educação, ludicidade.

AND NOW EDUCATOR? WILLIAM PICKED MY DOLL TO PLAY!

ABSTRACT: The research in analysis had as its main objective to point out and to problematize circumstances that could from theoretical-methodological conceptions based on the acts of playing and caring for dolls by male children to demystify socio-cultural barriers in which the toys for each type of gender differ in the childhood. Based on the proposals listed by the authors, it was used as materials and methods for discussion of the research, a report in a media article format, which is published in an educational blog, which narrates and translates into texts based on the (re) original work of

Charlotte Zolotow, of 1972, denominated William's Doll, translated to the Portuguese language like "A boneca de William". As indicative results from a descriptive and detailed analysis, it is noted that according to the central message conveyed by the work, children (especially of the masculine kind) can play and care for dolls, in the opportunity in which they will become exemplary parents by the act experienced as children early childhood. From all freedom and amplitudes averse to cultural moorings, it is believed that the act of play and play that they deal with and use for dolls, are not only for girls, but for children who can recognize the realities, experience sensations and to live ludicities in a world where the real and the imaginary intertwine and disperse at any moment - between carts and children's dolls.

KEYWORDS: doll, masculinity, childhood, education, playfulness.

É bem provável que você já tenha se deparado com situações em que meninos tenham brincado, ou ao menos sido aguçado a partilhar do toque de uma boneca. Então, como e em quais circunstâncias esse ato seja importante para os garotos? E para vocês educadores/as? Permitiriam que seu filho, menino, e seus alunos (do gênero masculino) pudessem brincar com alguma boneca? Certamente essas questões de Infância atreladas à Sexualidade são comumente observadas e/ou vivenciadas no cotidiano por se relacionar às subjetividades e sujeitos em processo de conhecimento do ser.

Os autores/pesquisadores do presente capítulo propuseram uma análise, de cunho qualitativo descritivo, baseada em referências teórico-metodológicas que não se esgotasse em sua temática central, mas que permitisse (re)pensarmos como ideologicamente a sociedade do Século XXI molda e limita os espaços físicos e imaginários de atuação no brincar e, a partir desse, nas instâncias da socialização dentre os pares, capazes de construir obstáculos e restringir a possibilidade de descobertas e imaginações imersas em um mundo de realidades e fantasias às crianças em suas pluralidades e inquietudes das e nas brincadeiras.

Trata-se, nesse sentido, da objeção por ressignificar questões enraizadas como "verdades absolutas", e permitir que por meio de questionamentos e reflexões sobre as concepções do brincar e cuidar de bonecas por meninos em idades que se enquadram às etapas das primeiras infâncias, seja um momento para além do prazer, da descoberta, do brincar, e do ser-criança.

Assim, verifica-se que tal pesquisa se reflete diretamente na concepção sociocultural, a qual os fatores sociais e culturais são conjuntos indissociáveis nas interfaces do desenvolvimento humano, aqui representados e discutidos dentre as temáticas de Educação Sexual, Infância e Mídias, na perspectiva de que meninos ao brincar de bonecas, como forma de estabelecer convívio e socialização no ambiente em que vivem, podem tornar-se-á seres humanos mais afetuosos, conforme demonstrações das imagens e contextualizações teórico-metodológicas elencadas nesta pesquisa.

1 | INFÂNCIA: REFLEXÕES GERAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL

Na reestruturação das sociedades, ao longo da trajetória histórica a Infância bem como os conceitos relacionados à criança, ocupam espaços marcados por mudanças significativas nas concepções de existência do ser, levando-se em conta o caráter científico nas áreas dos desenvolvimentos físico, emocional, social e cognitivo, a partir de premissas e teorias socioculturais do ser-criança, pertencimento nos espaços, e etapas do desenvolvimento. A esse respeito Chombart de Lauwe (1991, p. 3) assevera que:

Falamos da criança e da infância, o primeiro termo evocando um ser humano em devir, o segundo, um período da existência que constitui uma camada da população universal, já que presente em toda sociedade. O estado da infância, transitório para cada ser, acaba, no processo de mistificação, por se tornar um outro modo de existir, em função do qual todo o meio recebe qualificações particulares.

Adiante esse olhar, como forma de caracterizar a criança, e ao encontro dos objetivos propostos, considera-se oportuno salientar que para a autora supracitada “a criança idealizada apresenta características psicológicas que denotam, antes de mais nada, uma autenticidade e uma verdade totais. Livre, pura e inocente, sem laços nem limites, está totalmente presente na natureza” (p. 30).

Por base a essa conjuntura, nota-se a relevância quanto aos aspectos do desenvolvimento humano e interações socioculturais na medida em que para Angotti (2016, p. 21) foi possível consolidar “novas concepções sobre a criança, à infância e a defesa da infância como momento único de vida do ser humano [...] e oferecer condições plenas de desenvolvimento”.

As marcas características da representatividade do ser-criança inserida como sujeito pertencente à cultura lúdica podem ser expressas nas afirmativas de Brougère (2011, p. 20) ao mencionar que “a cultura nasceria de uma instância e de um lugar marcados pela independência em face de qualquer outra instância, sob a égide de uma criatividade que poderia desabrochar sem obstáculos”. E acrescenta ainda acerca da dimensão social que “brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem” (p. 20).

Essa mesma aprendizagem ocorre em momentos plurais e por métodos diversificados a depender dos objetivos postos à questão. Segundo Perez (2014, p. 102):

Na sociedade contemporânea, família e escola, são dois contextos de promoção do desenvolvimento, socialização e educação da criança, que se definem e são diferenciados por padrões de comportamento, de objetivos, de procedimentos para transmissão de informações que lhes competem.

Da mesma forma, é salutar que se possa oportunizar situações em que as

crianças estejam engajadas nos processos de participação social no contexto em que se inserem, ao qual por suas peculiaridades consideram-se ações dos saberes das teorias e práticas, das crenças e dos valores (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007).

Nesse contexto, corrobora-se com tais afirmativas descritas, ilustrando que a participação dos meninos em ações que os permitam contato com os mais diversificados brinquedos seja relevante no desenvolvimento social das crianças, na intenção de desconstruir ideologias de que há cores e tipos específicos de brinquedos para meninos/as, como nos paradigmas sexistas direcionados no poder impregnado da cultura determinante e julgadora das ações que não podem ser desenvolvidas por e aos meninos, porque eles os são [meninos].

Assim, em convergência acerca das questões direcionadas à sexualidade (e especialmente ao gênero) essenciais fundamentos são os aportes teóricos que tangem à essa temática. Ruis (2015, p. 33) assevera que “a sexualidade ainda é tratada como um assunto velado, proibido, não apenas no contexto escolar, mas também no âmbito familiar e, portanto, abordá-la se torna, muitas vezes, um desafio para pais e educadores”. A partir dessa premissa, é possível denotar que há dificuldades e ausências nos discursos escolares e intrafamiliares, conseqüentemente, acredita-se que possam construir e resultar em sujeitos ocultos e reprimidos, com dificuldades de convivência social.

A interpretação conceitual de gênero refere-se sob a elucidação de Louro (1997) a partir de significados e construções sociais, isto é, a autora defende que há constructos para além do corpo/biológico, e que ultrapasse e contraponham às marcas dos seres homem e mulher; trata-se, portanto, da perspectiva social e histórico cultural da formação dos sujeitos nas sociedades, tendo em vista o desenvolvimento da infância como precursores e determinantes às fases e etapas subsequentes.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

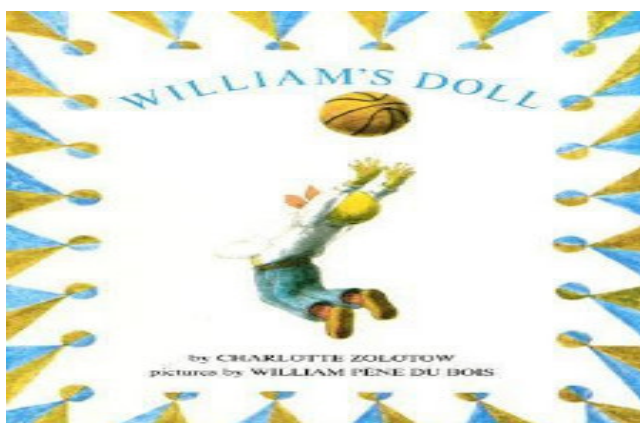
A partir das demarcações de que cultural e socialmente bonecas são brinquedos instruídos ao universo infantil das meninas, os autores deste capítulo optaram por descrever e analisar uma dinâmica sequencial reproduzida no que diz respeito a abordagem um tanto quanto fora dos padrões heteronormativos que representa estereótipos quanto ao gênero infantil nas ações do brincar.

Concernente à essa sequência de imagens, trata-se de reportagem em formato de artigo de jornal/revista, ao qual foi divulgado em mídia digital e visual, quando da divulgação em blog educativo (voltado principalmente à publicação de matérias e artigos de informação que retratam emoção e afetividades quando nas questões do ensino e da aprendizagem na área de Educação Emocional) neste caso, no que tange em especial às questões da sexualidade dos meninos que porventura brinquem e/ou cuidem de bonecas – uma mãe mostra a história e registra os resultados a seus três

filhos, e lhes permite o ensaio da narrativa de modo a vivenciar ações que a *priori* seriam apenas destinadas às meninas: o brincar e cuidar para com as bonecas, com a intenção de que ao fazê-lo estaria os preparando para se tornarem pais presentes quanto à educação dos filhos.

Enquanto estratégias de veiculação, o blog se constitui em canal aberto, com publicações acerca de temas diversificados, sendo que, a propósito do material analisado, nota-se uma congruência na relação textual-imagem, na medida em que há uma comunicação linear que se completa por essas construções do produto final.

Tal fato construído e divulgado por imagens, narra e se traduz em textos a partir da (re)construção da obra original de Charlotte Zolotow, de 1972, denominada *William's Doll*, traduzida como “A boneca de William”. Como forma de inserção em relação à análise de produto, torna-se indispensável a identificação visual desta obra-base escrita em meados dos anos 70. Adiante, segue imagem da capa:



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/William%27s_Doll, 2018

Este livro contextualiza como enredo central o desejo do menino William em querer brincar de boneca, encontrando no desenvolver da narrativa, empecilhos impostos por pessoas do convívio (principalmente o pai) para que não o pudesse fazer como desejaria.

Ao final da narrativa, e quando nas participações da avó paterna de William, em contato com o pai dele, são encenados momentos em que a William seja possível o brincar de boneca, no discurso pela avó dirigido ao pai de que o brincar de boneca seja importante ao menino para que quando no futuro, ao ser pai, poderás o fazer com afetividade, cuidado e primazia, como o pai de William seja, segundo narrativa anunciada pela avó do menino.

Convém, no entanto, ressaltar que as descrições supracitadas fazem referência a uma interpretação peculiar dos autores nessa pesquisa, não sendo necessariamente uma interpretação coletiva que possa em aspectos gerais representar ideias e concepções sobre a referida obra.

Diante desse panorama, algumas imagens são reproduzidas no intuito de ilustrar a presença marcante das ações desenvolvidas pelas crianças-meninos, a propósito de

como o fazer nos cuidados para com os bebês, em atenção à saúde e bem-estar dos mesmos. E para fins éticos na pesquisa, ressalta-se que acerca dos procedimentos metodológicos, os autores deste capítulo enfatizam que foram utilizadas as imagens disponíveis no blog educativo, ao qual para fins de registros e pesquisas no conteúdo dos materiais não constam proibições na veiculação no uso das imagens.

3 | ANÁLISE E DISCUSSÕES DO PRODUTO MIDIÁTICO NA INTERFACE SEXUALIDADE E INFÂNCIA

Conforme mencionado, a proposta de análise midiática está voltada a uma reflexão com base nos fundamentos do brincar de bonecas por meninos, em consideração que, via de regra, há proibições quanto à escolha do tipo, cor, objetivo e características do brinquedo, destinados aos sujeitos meninos/as.

É válido ressaltar que o blog utilizado como método de coleta de imagens retrata outras figuras em seu texto original, mas a título de análise por interesse dos objetivos dos pesquisadores, foram selecionadas previamente as imagens que pudessem representar ações do brincar e cuidar de bonecas pelos meninos enfaticamente no que se refere aos cuidados de alimentação e de higiene.

Sob percepções e análises do ponto de vista do ser menino na sociedade hierárquica e patriarcal, Louro (2000, n. p.) coaduna que:

Esse sentimento, experimentado por mulheres e homens, parece ser mais fortemente inculcado na produção da identidade masculina. Em nossa cultura, a manifestação de afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito mais intensa do que entre as meninas e mulheres. De modo especial, as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais. Evidentemente elas são claramente codificadas e, como qualquer outra prática social, estão em contínua transformação.

Deste modo, em relação a tais aspectos, destaca-se a imagem a seguir, que nos permite perceber seja por meio dos gestos, seja por uma atenção pormenorizada o quanto se faz presente os cuidados prestados pelos garotos no que tange a estar presente na relação filho-cuidador. Nesse sentido, e considerando a ótica visual da imagem, nota-se a atenção das crianças-meninos no cuidado para com os “bebês” na tratativa de que esses parecem estar em pleno aconchego no ambiente propício ao aprendizado da alimentação (posições confortáveis em meio as almofadas e tapete, destreza nas habilidades manuais em relação ao tocar e acariciar as bonecas).



Imagem 1: Meninos alimentam as bonecas

Fonte: <http://www.criandocomapego.com/ele-nao-brinca-de-bonecas-brinca-de-ser-pai/>, 2018

Face a essa (des)construção paradigmática de que os meninos podem brincar e enquanto o fazem, estabelecem conexões afetivas para com o cuidado ao outro, ao bebê, seja oportuno uma definição que nos remeta a visão de mundo do indivíduo, diante das competências e habilidades do aprender e ensinar. Moreno (1999, p. 13) explica:

Só é possível o que pode imaginar, só é real o que pensa que existe, e só é certo aquilo que acredita [...]. Agimos e movemo-nos não de acordo com a realidade, mas de acordo com nossa imagem de mundo. Cada pessoa não constrói essa imagem por si mesma, a partir da observação de alguns fatos concretos e reais, e sim, na maioria dos casos, a partir do que os outros lhe dizem a respeito desses fatos, ou seja, a partir dos julgamentos que os demais emitem sobre a realidade.

Na sequência ao ato dos garotos alimentarem aos bebês, eles os posicionam corretamente, a fim de que possam arrotar, e assim evitem o engasgamento e posterior sucção do leite, que poderia fatalmente levá-los à óbito. Nessa imagem as crianças sorriem e demonstram afetividade na relação aos singelos cuidados do segurar, posicionar e tocar as bonecas, como representatividade de “somos bons cuidadores e sabemos como o fazer para que eles/as fiquem bem”.



Imagem 2: Após o ato de mamar, os meninos posicionam os bebês para arrotar

Fonte: <http://www.criandocomapego.com/ele-nao-brinca-de-bonecas-brinca-de-ser-pai/>, 2018

Tão essencial quanto a alimentação e sua posterior digestão, são as práticas cotidianas que se entrelaçam à higiene e bem-estar dos bebês. Na imagem a seguir, um dos garotos cuida da boneca com a suavidade e relaxante ação de um refrescante banho, em atenção à segurança observada quando do segurar para proteger a cabeça.



Imagem 3: As crianças cuidam da higiene das bonecas

Fonte: <http://www.criandocomapego.com/ele-nao-brinca-de-bonecas-brinca-de-ser-pai/>, 2018

Pela análise realizada a partir das imagens em que as crianças são nesse processo de aprendizagem, sujeitos notados como aqueles que fazem, e fazem por paixão e cuidados em aprendizado compartilhado para as bonecas, pode-se constatar uma relação ambígua no tocante aos adultos. No entendimento de Silveira (2010) se os adultos ensinam comportamentos, e maneiras de ser às crianças, logo essas mesmas crianças são capazes de preencher espaços na aprendizagem social dos adultos.

No tocante à proposta desenvolvida, intencionalmente foi possível retratar uma problemática do século XXI nas fases da Infância quando meninos têm anseios por cuidar e brincar de bonecas, mas são banidos desse momento por fatores culturais e raízes históricas, demonstrados a partir da análise em questão, em que desde os anos de 1970 há registros de literatura que apresenta os dilemas e a distinção nos papéis de gênero na Infância.

Consoante à luz dessas reflexões, podemos nos acreditar veementemente que o exercício e objetivo que a mãe dos três meninos intencionou praticar possa ser atendido na certeza de que os gestos e o fazer função de pai, logo cuidador, foram representados com segurança, atenção, carinho e afeto – conforme demonstrações ilustrativas, não nos esquecendo de que essas marcas são retratos de um contexto já demarcados culturalmente pelo preconceito ao brincar de bonecas e assisti-las enquanto um ser masculino que possa sentir afetividades no tratamento para com as bonecas (representadas genericamente como futuros filhos).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante elaboração deste levantamento para posterior discussão e análise do material, algumas pontuações são indispensáveis a título de corroborar as teorias utilizadas que justificam a escolha pela temática abordada.

Crianças, quando em momentos de socialização do brincar, são potencialmente levadas a níveis do “faz de conta”, sendo que, nas primeiras infâncias essas figurações são essenciais ao desenvolvimento emocional, logo ao estímulo dos processos cognitivos e ao longo da vida para o exercício da criatividade e desenvolvimento de competências e habilidades.

Os meninos - sexo e gênero masculino, sujeitos protagonistas desse estudo, não os serão inferiores quando na condição de brincar e cuidar de bonecas, ou até em momentos de socializar brinquedos e brincadeiras com meninas. Eles querem apenas brincar, pois a brincadeira infere sentimento de alegria, entusiasmo e muita diversão, o que possibilita aprendizado.

Obstante, pressupõe-se que a participação de meninos, em atividades predeterminadas como femininas não esteja diretamente relacionada à orientação sexual a qual este indivíduo desenvolver-se-á enquanto sujeito sexuado na fase adulta, visto que, principalmente nas primeiras etapas de vida, a criança tem de ser estimulada socialmente a participar de atividades lúdicas como representação de observar e (re)conhecer características do saber e como o fazer nas brincadeiras.

Deixem seus filhos/as e alunos/as brincarem de bonecas, carrinhos, jogos e brincadeiras que sejam capazes de estimular a imaginação, a socializar o aprendizado e construir um mundo com significados e simbologias, liberto de preconceitos e de estigmas socioculturais, que possam massacrar e ferir as crianças, sejam meninos/as.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, M. Educação Infantil: os desafios de se conhecer e implementar novas perspectivas educacionais. In: LEÃO, A. M. C.; MUZZETI, L. R. (Orgs). **Abordagem panorâmica educacional: da educação infantil ao ensino superior**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. M. (Org). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CHOMBART DE LAUWE, M. J. KON, N. (tradução). **Um outro mundo: a infância**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MORENO, M.; FUZZATTO, A. V. (tradução). **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Pedagogia (s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (Orgs). **Pedagogia (s) da infância**: dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PEREZ, M. C. A. Intervenções pedagógicas no contexto da família, Educação Infantil e Ensino Fundamental: possibilidades de aproximação e de enfrentamentos. In: **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, SP: UNESP/FCLAr – Laboratório Editorial, v. 18, n. 1 e 2, p. 101-111, 2014.

RUIS, F. F. **Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil**: um entrelaçamento de vozes. 2015. 225f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2015.

SILVEIRA, G. “Quando a escola é de vidro”: a produção da infância e as relações de poder no contexto disciplinar. In: FERRARI, A. (Org). **Sujeitos, subjetividades e educação**. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2010.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

